

Coletivos Juvenis e Parkour no Brasil: percursos interculturais e Identidades

Valéria Silva¹

Resumo

Este trabalho problematiza os achados de estudo de campo realizado junto a coletivos juvenis de Teresina-PI-Brasil, mais especificamente junto aos jovens praticantes de *Parkour*, utilizando-se da etnografia, da entrevista grupal e da fotografia. Os resultados apontam a positividade dos coletivos e culturas juvenis para as sociabilidades partilhadas e identidades construídas em contextos de interculturalidade local-global, apontando para a caracterização dos processos identitários juvenis como relacionais, fluidos e abertos.

Palavras-Chave: Juventudes; Coletivos Juvenis; Interculturalidade; Identidades.

Youth Collectives and Parkour in Brazil: Intercultural Pathways and Identities

Abstract

This paper discusses the findings of a field study conducted with youth collectives in Teresina- PI-Brazil, more specifically with young people practicing *Parkour*, using ethnography, the group interview and photography. The results show the positivity of collectives and youth cultures for sociability and shared identities constructed in the context of local-global interculturality, pointing to the characterization of youth identity processes as relational, fluid and open.

Key-words: Youths, Youth Collectives; Interculturality; Identities.

¹ Doutora em Sociologia Política pela UFSC. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia-UFPI e Subcoordenadora do Núcleo de Pesquisa sobre Crianças, Adolescentes e Jovens-NUPEC/UFPI. Desenvolve estudos e pesquisas sobre as temáticas: juventudes urbanas e rurais; ruralidades; identidades. valeriasil@uol.com.br.

Os estudos de juventudes têm adquirido neste século um desafio a mais a enfrentar, que são as trocas propiciadas e intensificadas pelo advento que ficou conhecido por globalização. Como parte das modificações que enfrentamos neste estágio da modernidade, as trocas globais desterritorializam sujeitos, culturas e identidades, re combinando expressões até recentemente impossíveis para os padrões de relações que dispúnhamos.

Se o advento da sociedade moderna significou a obsolescência do tempo e do espaço como até então conhecidos por nós, como de resto, das capacidades e criações humanas, atualmente tais noções mostram-se alteradas novamente pelas recentes condições complexas nas quais estão situadas a sociedade e os indivíduos potencializados pelo fenômeno da telemática. O anterior tempo único, contínuo multiplica-se em inúmeras alternativas; efetivando incontáveis possibilidades simultâneas e independentes, sem vinculação obrigatória com as trajetórias de vida, forjadas no passar do tempo e no repetir da experiência.

Nesse *continuum*, a ideia de espaço rompe com as amarras do longe/perto e, retraduzido no turbilhão dos *bites*, surge aqui e ali, ao alcance de um *clic*, simultâneo e acessível a quase todos. Também esse fenômeno descola os costumes, práticas e possibilidades da noção de lugar e lança-os na pluralidade global que marca cada participante dessa experiência humana da atualidade.

Partilho do entendimento de que essas condições materiais das sociedades se constituem em aspectos simbólicos tão rapidamente quanto mais estas se tornam complexas, e os processos sociais interferem na conformação das individualidades, tanto biológica, psicológica (ELIAS, 1998; MELUCCI, 1997), quanto culturalmente, tornando-nos mais porosos e, por fim, redefinindo as experiências humanas de modo indelével e lançando também a constituição das identidades num (re) fazer permanente, em ambientes interculturais (CANCLINI, 1997 e 2009).

No caso específico dos jovens, cambiantes por antecipação, essas novas configurações impõem trazer ao debate vários aspectos presentes no desafio de qualificar de quem estamos falando, embora não deixemos de considerar a idade como uma referência material ainda importante. Assim, aspectos trazidos por vários estudiosos - como nacionalidade, inserção de classe, etnia, (GRO-PP0, 2000), condição geracional (MANHEIM, 1968), estilos de vida, valores, símbolos (BOURDIEU, 1983; PAIS, 2000), gênero, relação intergeracional, (MARGULIS e URRESTI, 2000) entre outras - se apresentam ao quadro analítico da juventude, a fim de lhe conferir a complexidade que revela possuir quando olhada no mundo real: no campo, na cidade, nas ruas, nas casas, nas escolas, nos morros, nos *shoppings*, no trabalho, nas festas, nos coletivos juvenis... Enfim, nas rotinas e modos de vida de cada jovem.

De resto, as análises acenam para o entendimento de que as experiências, vivências, desejos, pertencas, diferenças, possibilidades, limites, marcados pela fluidez e flexibilidade contemporâneas, só se configuram enquanto expressões, sinais de juventude – ou não - quando observados no interior das materialidades e simbologias em trânsito, as quais os sujeitos constroem, experimentam, abandonam e retomam no cotidiano de suas vidas, num mundo cada vez mais interconectado, imediato e plural. Isso faz com que a juventude esteja órfã da condição de um fixo existir e obrigada à condição de fazer-se sempre, submetendo a juventude a situação de “não-terminada e inclusive como não-terminável”, na acepção de Canevacci (2005, p.29), passível de reconstrução ininterrupta a partir de tempos, espaços e símbolos vários.

Para acessar as juventudes plurais e polissêmicas, portanto, consideramos ser de relevância levar em conta a expressão das *territorialidades* partilhadas, atentando-se para a própria compreensão que os jovens têm de si mesmos. Essa escolha coloca o imperativo de tratarmos as juventudes e os seus coletivos de modo que venham ganhar existência no diálogo articulado com as *materialidades experimentadas e as referências simbólicas encon-*

tradas, partilhadas, trocadas, retraduzidas, bem como as circunstâncias de trocas às quais estão submetidas. Compreender que as juventudes e seus trânsitos não se dão prontos, mas manifestam-se de maneira complexa, dialogando com os contextos globais-locais, temporalmente fluidos (BAUMAN, 2001), foi o norte geral que orientou a investigação da qual se originou este trabalho.

Coordenada pelo Núcleo de Pesquisa sobre Crianças, Adolescentes e Jovens-NUPEC desenvolvemos a pesquisa *A Condição Juvenil em Teresina*, consolidada por meio de um *survey* junto aos jovens da cidade e por meio de estudos qualitativos, onde tomamos alguns coletivos juvenis da cidade como sujeitos. Nas abordagens qualitativas encontramos na etnografia, na entrevista grupal e na fotografia os recursos metodológicos mais apropriados para construir, com a participação ativa dos jovens, aquilo a que nos propusemos. Origina-se dessa dimensão investigativa o artigo em tela, que faz a escolha marcar a presença juvenil por meio de depoimentos e imagens, como apresentado a seguir.

1. Coletivos Juvenis: enfrentando desigualdades, vivenciando interculturalidades, delineando identidades

Os grupos de sociabilidades várias são uma antiga realidade na vida dos jovens. Entretanto, no contexto das sociedades complexas, onde as referências sócio-culturais mudam de lugar constante e rapidamente, os coletivos juvenis têm adquirido um papel de destaque para as sociabilidades e para o processo de formação dos jovens. A partida, material e/ou simbólica, do ambiente familiar, por razões várias, marca o momento de individuação juvenil: da separação de meninos e meninas de um coletivo primário, impondo-os a busca de suas próprias respostas aos desafios novos que a vida lhes traz. Nesse momento os grupos de jovens constituem-se em ambientes que ajudarão a gerar os novos sentidos e marcas identitárias buscadas por cada um e algumas respostas necessárias à inserção e trânsito dos jovens nas esferas várias do mundo vida afora.

É fundamentalmente a partir da ótica dos grupos que os jovens experimentam as novas realidades, vivenciam as relações sociais e conformam uma dada intervenção juvenil no mundo, dialogando com o 'exterior', e, desse modo, experimentando, por assim dizer, alguns ritos de passagem para a vida adulta, a despeito das mudanças hoje colocadas que impõem à juventude certa condição nômade.

No seu novo modo viver o mundo no grupo, os jovens encontram no estar com seus 'iguais' o conforto da partilha, da receptividade em relação ao que sentem e pensam sobre o mundo. A identificação com os gostos, desejos, princípios, interesses, frustrações, medos e inseguranças, como também a construção das formas e alternativas de enfrentamento desses e outros aspectos da experiência humana são normalmente radicalizados nos contextos de amadurecimento juvenil. É entre amigos, por fim, que se potencializa a expressão da singularidade de cada um, com/sem adequações, com/sem cumprimento de papéis previstos, abrindo espaço para o delineamento das identidades. (SILVA, 2006a; 2006b; 2011).

Para constituir-se como indivíduo o jovem necessita distanciar-se do seu grupo familiar original, a fim de enxergar-se e reconhecer-se, descobrir seus limites e potencialidades, de afirmar aquilo que aceita como particularmente seu, no anterior complexo de existência hegemônica pelos valores recebidos de outrem, os familiares. E, no mesmo movimento, refutar, reelaborar o que passa a lhe parecer estranho, dissonante. Mais uma vez, o grupo aparece como o lugar de certo relaxamento – talvez em vista do 'conforto' que a sensação de empoderamento, supostamente conferida pelo grupo, gera - e amizade, lenitivos para o conflito vivenciado por alguém que agora precisa responder à demanda do mundo sobre o seu existir.

Mas os grupos são também lugares de experimento de limites e resistências, contribuindo novamente para o encontro do jovem

consgo mesmo, na dimensão de suas potencialidades, fragilidades e formas diversas de socialização, até então pouco claras para si. Assim, no geral, o grupo oportuniza, ou não, pelas circunstâncias propiciadas e relações travadas, o reconhecimento dos jovens pelos seus pares e pelos adultos de suas relações, traçando possibilidades e potencializando, por fim, a constituição do seu lugar no mundo como sujeito.

Claro se faça que o reconhecimento da condição de sujeito conquistado pelo jovem a partir da atuação em grupos juvenis nem sempre é sinônimo de algo que a sociedade considere como desejável. Os processos de subjetivação, como não poderiam deixar de ser, se encontram imbricados às contingências colocadas para cada jovem, gerando possibilidades diferenciadas de interação e de afirmação ante os demais, seja via caminhos legítimos socialmente ou não.

É assim que o ambiente coletivo surge também como espaço da transgressão. Se individualizar-se, por definição, implica em rompimentos, interagir com o mundo na condição de *alter* exige uma postura particular. Do jovem é exigido fazer escolhas sobre o norte que pautará as suas relações com os demais e a sociedade em geral. Avaliar, romper, confirmar e/ou reelaborar princípios de convivência, visões de mundo são processos comuns a todos, porém radicalmente imperativos à experiência juvenil. É, muitas vezes, transgredindo a norma que o jovem testa a si mesmo, o outro, a sociedade e a validade da própria transgressão como mecanismo confiável ou não da sua forma de inserção no mundo e de interação com os demais (SILVA, 2006b).

A transgressão impõe aos jovens correr riscos - maiores ou menores - que potencializam/inviabilizam a sua contribuição ativa com a sociedade em medidas diversas. É também transgredindo que se habilitam a reinventar o mundo construído e a vida para além da herança recebida, re-oxigenando os processos, engendrando a esperança e as perspectivas de futuro. No espaço co-

letivo do grupo o jovem encontra eco para este propósito, tendo em vista a liberdade partilhada entre os pares ante a quase inexistência de censura, bem como a semelhança de aspirações vivenciadas, o que confere força às iniciativas.

Os coletivos juvenis aparecem com a mesma relevância se tomados do ponto de vista das experiências cotidianas objetivas, dos interesses que escolhem como motivo de sua organização e existência. O lazer, a formação, o esporte, a música, a interação com a cultura, com a religião, com os povos - dentre inúmeros outros aspectos -, de acordo com a natureza de cada coletivo, oportunizam a descoberta e o desenvolvimento de talentos, de habilidades, de potências (SILVA, 2009), também funcionando como ambiente de organização e intervenção política construtiva dos jovens.

Como sabido, no contexto moderno em que vivemos partilhamos o esgarçamento de várias pautas e instituições até então orientadoras das vidas em sociedade. Nas últimas décadas observamos os postulados organizadores das práticas e vidas nas sociedades modernas como insuficientes para gerar as respostas que buscamos, a clareza de procedimentos e a segurança do que esperar em relação ao que se experimenta. Família, Estado, Igreja, política, ideologia, profissão e trabalho, dentre outros, são parâmetros migrantes, polimorfos, polissêmicos que não mais oferecem as “certezas” que a sociedade moderna construiu e disponibilizou como estofos às subjetividades. Os grupos de convívio constituídos em torno das referências coletivas modificaram seu papel ante aos processos de socialização e as grandes narrativas perderam o poder de organização das práticas dando origem a dinâmicas novas, assentadas nas narrativas atomizadas, individualizadas, experimentadas em contextos onde a ostensiva presença da contingência nas práticas sociais coloca-se definitivamente como parte constitutiva do cálculo racional trivializado na existência e não mais um risco possível (SILVA, 2006a).

A partir dessa perspectiva compreendo que os coletivos juvenis podem se afigurar como um importante lugar de produção das sociabilidades e das identidades, um lugar de intervenção no mundo, de criação, de atuação política dos jovens, como no caso em análise.

2. Coletivos juvenis: novas e velhas maneiras de estar com os pares

Como campos de experimentos vários e de construção da intervenção juvenil no mundo, cada vez mais atravessados pelas complexidades dos novos contextos globais, os coletivos sofrem intensamente as dinâmicas e influências desse novo tempo em suas práticas. Desse modo, nas últimas décadas presenciamos importantes mudanças nos grupamentos juvenis, desde o modo como compreendem a luta política, aos objetivos que perseguem, vivências, visões de mundo, formas de atuação, até os modos de interação com os demais segmentos da sociedade. Tal perspectiva demarca o que Krauskopf (2001) vai denominar de novo e de velho paradigma de organização dos coletivos juvenis.

Tomando por referência o pensamento da autora compreendo que partindo do velho paradigma organizacional encontraríamos os coletivos juvenis apostando na mudança individual ocorrida no interior, ou como resultante, das mudanças estruturais da sociedade. Isso nos remete à crença nas grandes bandeiras políticas, alimentadas pelas articulações transnacionais de luta em favor de determinadas teses emancipatórias e sempre à longo prazo. Com o novo paradigma, a mudança pessoal é ambientada no contexto das mudanças objetivas de vida coletiva, mais próximas temporalmente do sujeito.

Do ponto de vista das formas organizativas, os coletivos situados no velho paradigma possuem origem de atuação focada no local, muito embora partilhando das trincheiras globais que as identi-

dades políticas conformam, diferentemente dos novos coletivos que se originam de questões partilhadas globalmente e, partindo desse interesse, atuam localmente. Nesses contextos, os coletivos tradicionais possuem formas organizativas institucionalizadas, estruturadas, centralizadas e representativas, enquanto que os novos coletivos se constroem fora da institucionalidade, trabalhando horizontalmente, em redes e com coordenações e/ou lideranças flexíveis, móveis ou, às vezes, até virtuais, implicando num grau de autonomia maior daqueles que participam das ações.

Como toda classificação, também esta, ao tempo em que auxilia na compreensão da realidade, explicita dificuldades em situarmos exaustivamente os grupos, posto que encontramos situações híbridas, complexas que revelam muito mais composições e interconexões entre os aspectos referidos, do que modelos claros e exaustivos dos entendimentos postos. Assim também se comporta o coletivo aqui analisado, composto por praticantes de *Parkour*. Trançando o existir numa perspectiva global-local, carrega marcas daquilo que poderíamos considerar, pela referência apontada, como um grupo mais próximo do novo paradigma.

3. Le Parkour: do mundo ao Piauí

O *Parkour* é uma expressão juvenil dos novos tempos onde a juventude - como partícipe da diversidade e do mundo sem fronteiras - imprime e vivencia no cotidiano, nas formas de existência coletiva, características de diáspora cultural. Prática de origem francesa surgida na década de 80, inspirada nos ensinamentos de David Belle², o *Parkour*

² David Belle recebeu do pai o treinamento que, por ele aperfeiçoado, hoje se apresenta como a arte *Le Parkour*. Raymond Belle, bombeiro e combatente da guerra do Vietnã, por sua vez, foi treinado no Método Natural de Educação Física de Georges Herbert, tenente da Marinha Francesa. Também Sebastian Foucan, amigo de David Belle, foi figura expoente do surgimento do *Parkour*. (http://www.kalunga.com.br/revista/revista_jun07_07.asp).

atrai adeptos por todo o mundo, inclusive no Brasil e em Teresina, tendo no filme “13º Distrito” um potente instrumento de divulgação.

O *Parkour* consiste, em primeira aproximação, no uso do corpo para, em quaisquer ambientes, deslocar-se de um ponto a outro da maneira mais objetiva e rápida possível, como informam seus adeptos. Assim, possibilita a superação de obstáculos físicos como tetos, paredes, marquises, muros, degraus, corrimãos, bancos de praça, árvores, fogo, água, declives e aclives diversos, sem qualquer outro recurso, além dos movimentos corporais. As manobras possuem denominações próprias, mundialmente reconhecidas, muito embora os jovens não as supervalorizem na dinâmica dos movimentos e até criem novos movimentos e novas denominações. Dentre as mais conhecidas estão o *planche*, *monkey*, *alligator*, *catch leap*, *tic-tac*, *landing*, *vault*, *quadrupedal*, *saut de fond*, *king kong* dentre tantas outras, treinadas com persistência espartana pelos jovens. Por falta de quadras ou centros esportivos adequados às práticas, em Teresina os treinos acontecem especialmente em praças, parques, prédios, corrimãos e demais ambientes públicos que ofereçam condições adequadas para tanto.



Imagem 1: *Vault*. Parque da Cidade, Teresina, 2009.
Fotografia de: Valéria Silva.



Imagem 2: *Quadrupedal*. UFPI-CCHL, 2010.
Fotografia de: Valéria Silva.



Imagem 3: *Planche*. Praça da Cepisa, Teresina, 2009.
Fotografia de: Valéria Silva.



Imagem 4: *atch leap*. UFPI-CCHL. Teresina, 2010.
Fotografia de: Valéria Silva.



Imagem 5: *Vault*. Praça da Cepisa, Teresina, 2009.
Fotografia de: Valéria Silva.



Imagem 6: *Alligator*. Parque da Cidade, Teresina, 2009..
Fotografia de: Valéria Silva.

Como expressão da juventude planetária contemporânea o *Parkour* possui significativa presença na internet, sendo os sites, blogs, Mesenger, Youtube, Orkut e, mais recentemente o *Facebook*, espaços privilegiados de interação entre os praticantes do mundo todo e de intensa divulgação de vídeos, bem como de organização e divulgação de treinos e eventos. Em Teresina todos os entrevistados entraram em contato com a prática através das diversas mídias atualmente disponíveis, como celular, TV, internet, *clips* musicais (Madona, Hung Up) e filmes (*13º Distrito*), os quais permanecem intermediando as sociabilidades planetárias, ao lado do interconhecimento originado do convívio local:

É... a internet é nosso principal meio de comunicação. Em segundo lugar, vem o celular [...] de vez em quando a gente tá aqui na internet, a gente tá sem fazer nada e dá vontade de treinar. [...] vou lá no Orkut pra divulgar que eu tô indo

treinar, vou no MSN [...] Aí vambora, aí a gente sai pra treinar, a gente chama os outros. E em terceiro lugar tem a questão de alguns morarem perto [...] no Mocambinho não tem nem como escapar. É tanta gente que treina lá, que se você passar com o sapato, o tênis o pessoal: “Vai treinar?”. [...] você vai, só ir arrumado que quem passar vai ver você indo treinar e vai atrás. (*Traceur* 1).

Para os jovens praticantes não há uma definição que comporte o que seja o *Parkour*. A prática é, ao mesmo tempo, uma disciplina física e mental, uma forma de exercício para o corpo e uma filosofia de vida que encontra no lema “Ser forte, para ser útil” sua principal tradução e orientação. *Traceurs e traceuses* afirmam que a disciplina do corpo supõe também a disciplina mental, a adoção de um *ethos* e de um propósito, os quais consubstanciam uma determinada postura de vida. Esse complexo de princípios faz, portanto, do *Parkour* algo muito maior do que um mero conjunto de ágeis movimentos físicos ou uma ginástica de forte efeito estético.

Foi com esse apelo que o *Parkour* surgiu no Brasil em 2004, tendo em Eduardo Bittencourt um dos seus principais pioneiros. Como prática, encontra-se organizado através da Associação Brasileira de *Parkour*-ABPK e em dezembro de 2012 realizará em Manaus-AM o 8º Encontro Brasileiro de *Parkour*, ponto culminante dos inúmeros encontros locais e regionais que já acontecem em todo o país. No Piauí os praticantes já realizaram seis encontros, participaram de outros fora do estado, seguem com as práticas regulares e se preparam para passar a ter representantes junto à ABPK.

4. Coletivo juvenil teresinense de *Parkour*

Em Teresina o período de surgimento do *Parkour* é incerto. Os praticantes pioneiros, que entrevistei, se referem à existência de um registro áudio-visual de alguns movimentos, disponível no Youtube, realizado por um grupo identificado como Exflay. No

entanto, os jovens afirmam não existir qualquer outra informação acerca da procedência do grupo, ficando essa memória perdida na história do *Parkour* do Piauí:

...o Exflay foi um grupo que ninguém conhece, além de um vídeo deles que tem no Youtube. Na verdade, eles colocaram esse vídeo e nunca mais se ouviu falar. Eu inclusive entrei na comunidade do Orkut do Exflay querendo começar a treinar e o dono da comunidade não sabia o que era *Parkour*! Aí achei estranho... como é que um grupo de *Parkour* não sabe o que é *Parkour*? Mas, na verdade, essa comunidade já tinha sido mudada de dono, porque não tava sendo movimentada e o grupo... na verdade, eles colocaram só esse vídeo na internet e é o que agente sabe deles (*Traceur*³ 1).

Localizamos o início de treinos do *Parkour* no ano de 2006, tendo como pioneiros na cidade os jovens Danilo, André, Claudionor, Junin (Ademar), Pombo (Jordano), Afonso e Gildênio, dos quais a maioria ainda permanece no grupo. Os primeiros treinos coletivos aconteceram na Praça Poeta da Costa e Silva, conhecida como Praça da Cepisa, sendo o local escolhido por concentrar no seu projeto original uma diversidade de obstáculos em um mesmo espaço, potencializando o exercício dos movimentos. Iniciados na Praça da Cepisa, os treinos geralmente eram finalizados na Praça Pedro II, onde o *Parkour* se tornou mais conhecido em decorrência da visibilidade do local e da já tradicional presença de outros coletivos juvenis naquele espaço.

No surgimento da prática em Teresina todos formavam um só grupo, ainda sem denominação. Aos poucos os jovens foram tomando conhecimento, via internet, que os grupos organizados em outras cidades o faziam a partir de pequenos sub-grupos chamados *clans*. Assim aprenderam que a existência dos subgrupos é uma cultura dentro do *Parkour*, sendo os *clans* compostos por até nove membros, formados com base na afinidade existente entre os mesmos. Os laços de amizade que se criam a partir

³ *Traceurs* são os rapazes praticantes de Parkour. *Traceuses*, as moças.

dos locais de treinamento, da condição de neófito, do *timing* do aprendizado, do local de moradia, dentre outros influenciam a aproximação de alguns jovens, criando identificações entre si e levando à formação do *clan*:

...por exemplo, o pessoal que mora na zona norte: se for muita gente aí se divide [...] costumam treinar em certos locais. Certas pessoas aí começam a se conhecer melhor, começa a treinar sempre no mesmo dia, no mesmo local, as mesmas pessoas... aí, começa a desenvolver o *clan* daquelas mesmas pessoas. Assim como na zona sul, na zona leste, na escola... a gente começa a treinar na escola e começa a treinar com outras pessoas e aí cria um *clan* por questões de afinidade mesmo. (*Traceur 2*).

The Clan, Wind Sure Clan, No Gravity, Hyuuga, Uclan, Kalangoclan precedem a organização do MPPK na cidade. Após sua organização, passaram a gravitar em torno dele e com sua dissolução permaneceram aglutinando os jovens *traceurs*. Vários jovens que participam dos treinos com regularidade permanecem sem vinculação a *clans*, sem que isso interfira na sua relação com o *Parkour* e os demais *traceurs*. Apesar de treinarem também em pequenos grupos ou sozinhos, em lugares variados da cidade, a grande maioria participa dos treinos coletivos regulares da Praça da Costa e Silva e no Parque da Cidade. Diversos jovens treinam ainda no bairro Mocambinho, de onde vem a maioria dos praticantes de *Parkour*.

Tratando dos praticantes, os entrevistados afirmaram haver duas modalidades: aqueles que adotam a prática como treinamento regular e os que praticam esporadicamente, uma vez na semana, uma vez no mês. Esses últimos são entendidos como praticantes da arte apenas por lazer, diversão, encontro com a sua turma de amigos. Quanto às demais características, os jovens são predominantemente do sexo masculino, habitam na região norte da cidade, especialmente no bairro Mocambinho, segundo local onde se praticou o *Parkour* na cidade. Foi nesse bairro que nasceu o *clan* Hyuuga, existindo ali um número con-

siderável de jovens *traceurs*. No entanto, adeptos estão em todas as zonas da cidade e não necessariamente participam de *clans*.

No grupo a variação de idade é ampla, não havendo limite etário –nem de sexo- para a prática. Na época da pesquisa de campo a menor idade encontrada foi de oito anos e a maior, de vinte e cinco anos, sendo que o *traceur* mais velho é um dos pioneiros da prática na cidade. Dos *traceurs* entrevistados sete estão na faixa etária de 16 a 19 anos de idade. Um tem 20 anos e outro, 25 anos de idade. Embora seja aberto à participação feminina, observamos que a presença das mulheres ainda é discreta. Todos os entrevistados já possuem algum tempo de permanência no grupo. Três estão no grupo há mais de dois anos, três há mais de um ano e três há mais de seis meses.



Imagem 7: Crianças e jovens em treino. Praça da Cepisa, 2009.
Fotografia de: Valéria Silva.



Imagem 8: *Traceuses*. Praça da Cepisa, Teresina, 2009.
Fotografia de: Valéria Silva.

No que concerne ao estudo e ao trabalho, identificamos que a maioria é estudante - cursando séries do ensino médio -, sendo que apenas três deles trabalham, porém inseridos em relações não formais de trabalho/emprego. Os praticantes que apenas estudam têm maior disponibilidade e geralmente treinam também durante a semana.

Segundo as entrevistas, os pais dos *traceurs* exercem atividades profissionais de motorista particular, segurança noturno, jornalista, comerciário, técnico em refrigeração, motorista de ônibus, um dos pais é aposentado e outro desempregado. As mães exercem atividades de professora, sacoleira, dona de casa, estudante universitária, gerente de restaurante, funcionária pública e apenas uma aposentada. A inserção profissional dos pais e a situação de trabalho dos filhos evidenciam a inserção dos jovens entrevistados em segmentos menos abastados.

Quanto à presença na cidade, o Parkour reúne um número significativo de jovens teresinenses, embora não haja registro exato de quantos efetivamente praticam *Parkour* em Teresina, porém os entrevistados fazem uma avaliação do total a partir do público presente no Segundo Encontro Teresinense de *Parkour* que realizaram em 2009:

Acho que umas 80 pessoas ou mais que disseram treinar *Parkour*, né? E sempre que aparece uma reportagem, alguma coisa assim, sempre aparece mais [pessoas] do que a gente que treina. Por exemplo, existem pessoas que treinam que eu nunca nem vi, que eu nem conheço. Aí isso varia, por exemplo, tem gente que só treina quando aparece encontro ou reportagem e tem gente que treina mesmo fixamente. Mas os fixos são na base de 50 a 80, 70 pessoas. (*Traceur 2*).



Imagem 9: III Encontro Teresinense de *Parkour*. Praça da Cepisa, Teresina, 2009.

Fotografia de: Valéria Silva.

Dos treinos regulares na Praça da Cepisa e Parque da Cidade participam em torno de 20 jovens. Além desses, os *traceurs* já fizeram práticas esporádicas em outros locais, como prédios em construção ou abandonados, nas pontes do Rio Parnaíba (sobre e sob as pontes), no prédio do Cine Rex, no Centro de Artesanato, na Universidade Federal do Piauí, no Hiper Bompreço e diversas praças da cidade. Para praticar os jovens necessitam de equipamentos comuns: apenas um par de tênis simples, uma calça esportiva folgada, que permita os movimentos e uma camiseta de malha que, com frequência, traz alguma referência ao *Parkour* ou, mais propriamente, estampado o nome do *clan* a que o *traceur* pertence. As meninas usam tênis, calças de *cotton* ou *nylon*, mais *tops* ou camiseta, identificada com a prática. Para os jovens, a pouca exigência de equipamentos é um aspecto que também viabiliza a participação no *Parkour*, pois a escolha não implica em nenhum custo a mais para si e familiares, diferentemente da grande maioria dos esportes. Para os praticantes o uso de equipamentos como capacetes e luvas disponibilizam a pessoa a realizar movimentos para além das possibilidades físicas, assumindo riscos desnecessários.

Aqueles que moram mais próximo das praças e parques se deslocam a pé, percorrendo uma média de 5, 6 km até o local de treino. Levam às costas mochilas contendo as vestes, que frequentemente são trocadas no local, bem como garrafas *pet* com grande quantidade de água a ser consumida coletivamente durante os exercícios.

5. Os novos sentidos

Para os jovens entrevistados os aspectos que mais chamaram sua atenção para o *Parkour* foram a novidade da prática, a afinidade por 'ação' e a admiração pela proposta estética dos movimentos. Entretanto, entre eles é unânime a opinião de que, ao compreenderem a prática, modificam sua maneira de pensar

sobre a mesma e resignificaram sua estada no grupo. Paralelo à evolução dos movimentos houve a evolução na mentalidade dos praticantes. Para eles a pessoa que estuda e pratica a filosofia *Parkour*, amadurece. A partir dessa compreensão, os praticantes afirmam que ‘vivem’ o *Parkour* não apenas nos treinos realizados, mas no cotidiano, o que transforma a maneira como percebem e enfrentam situações diversas de suas vidas:

É como se seu corpo tivesse no piloto automático e você percebe um dia que você é capaz de controlá-lo da uma forma melhor, da melhor maneira que você possa pensar. É como se diz: “Penso, coloco as ideias no papel, mas não ponho em prática”. Com o *Parkour*, não! Eu aprendi a avaliar minhas ideias e tirá-las do papel, colocar em prática. [...] É saber usar as oportunidades da forma correta, da forma certa. (*Traceur* 5).

...a mentalidade mudou dentro do *Parkour*. A gente deixou de querer fazer *Parkour* pra mostrar pras vizinhas e passou a querer fazer *Parkour* pra gente, pra melhorar o nosso físico, melhorar nosso movimento, elasticidade, pensamento [...] antes se você perguntasse o que era *Parkour* pra alguém, ele ia dizer: “Não, é um esporte que consigo correr de um ponto A para um ponto B da forma mais rápida possível”. E alguns meses depois se perguntasse de novo o que é *Parkour* [...] pra esse mesmo grupo de praticantes aqui de Teresina, eles iam falar: “Não, não é um esporte, é uma disciplina que vem da origem da humanidade”. Aí vai contar a história de David Belle, [...] de George Herbert e do pai de David Belle... (*Traceur* 3).

Originário de um método que adota exercícios naturais, o *Parkour* leva em consideração os limites e potencialidades do corpo e as (im)possibilidades postas no ambiente. O *Parkour* exige por parte de quem o pratica dedicação permanente, uma vez que para a execução dos movimentos o *traceur* deve estar fisicamente preparado e mentalmente concentrado, do contrário pode sofrer contusões/ferimentos de intensidades variadas. Para os jovens, aprender a identificar os limites pessoais, a respeitá-los e superá-los adequadamente e no tempo certo é o aprendizado maior que o *Parkour* oferece, como sintetizam os depoimentos:

...é como se o *Parkour* fosse 80% mente e 20% corpo, né? Como nós sabemos, o único instrumento do *Parkour* é o nosso corpo e nossa mente vem em conjunto, né? Porque temos que focar nossa mente de forma bem tática, bem técnica. A gente não pode executar um movimento sem antes pensar, imaginar como seria aquele movimento, se temos a capacidade para isso. Isso acaba interferindo também na disciplina, porque o que é que acontece? A gente aprende a respeitar o nosso limite, né? Como é no *Parkour*, é na nossa vida, no nosso dia a dia. Também na nossa vida, tem coisa que a gente vê: “Não, isso não dá pra fazer. Não, isso dá pra fazer”. Então, a gente acaba ganhando disciplina [...] tendo o discernimento do que fazer e do que não fazer. (*Traceur 4*).

...naquele dia que eu quebrei o dedo que eu vi que [...] tava com medo de pular, mas fui pular. Depois desse dia eu consegui ainda mais: eu tô com medo de pular, pois eu não vou pular. Eu vou realmente perder esse medo de pular, porque o medo que trava a gente é o que deixa a gente inteiro por mais tempo. (*Traceur 3*).

Como visto antes, se inicialmente sentem-se motivados a experimentar o *Parkour* pela diferença e novidade da prática, ao vivenciá-la, adotam como referência maior para permanecerem no grupo o sentido maior que a orienta. Faz parte desse entendimento a partilha da “... você entra no *Parkour* [...] você conquista amizades, e você talvez não encontre mais em lugar nenhum. E com isso a gente se sente melhor, tanto fisicamente quanto psicologicamente... (*Traceur 5*); “...além do ciclo de amizade [...] pra mim, *Parkour* significa liberdade. Participar disso pra mim me deixa livre, me deixa ser eu, uma coisa dentro de mim sair aflorando, ser livre...”. (*Traceur 6*). O companheirismo, a afetividade, a solidariedade são aspectos presentes no grupo, manifestos nas falas abertas, na partilha da água, nos gestos de apoio físico durante os treinos, nos ostensivos e repetidos aplausos pela perfeição de movimentos realizados, na convivência empática dentro e fora do grupo.

É com essa compreensão geral das experiências partilhadas que os jovens se inserem no coletivo e buscam consolidar o *Parkour*

em Teresina, muito embora no início os praticantes não conservassem maior expectativa em relação ao grupo, sua consolidação ou maior presença na cidade. O maior amadurecimento trouxe a estruturação dos *clans*, a organização de dois encontros estaduais, perseguindo atualmente um objetivo maior que é expandir o *Parkour*:

... antigamente ninguém se importava em querer crescer, só se importava em querer treinar e aprender. Hoje em dia quem treina o que mais quer é ensinar, é divulgar [...] o que a gente mais quer é sair, aprender coisas novas fora do Piauí, fora do Nordeste, fora do Brasil". (*Traceur 2*).

Uma das consequências desse momento foi a tentativa de fundação de uma proto-associação, que denominaram Movimento Piauiense de *Parkour*- MPPK, também por sentirem necessidade de maior organização dos participantes. A ideia era construir algo mais estruturado, com regimento, eleições e demais procedimentos dessa natureza. O processo eleitoral foi divulgado pela internet e todos os interessados, segundo os jovens, 70% dos praticantes, compareceram à votação, que elegeu Marcos David como presidente, Victor Gabriel como vice-presidente, Lucas Dominique como tesoureiro, Kisuk como agente F1⁴ e Flávia como promotor⁵ desta primeira diretoria. A intenção era que o MPPK abrisse caminho para a organização de uma associação de *Parkour*, registrada formalmente, consolidando a institucionalização do grupo antes informal. Entretanto, segundo os participantes, essa iniciativa não prosperou e o movimento seguiu como antes: desestruturado, flexível, tendo por fixo apenas as datas, horários e locais de treinos.

Nas entrevistas os jovens avaliaram que a realidade mais consolidada do *Parkour* tem desencadeado importantes e perceptíveis

⁴ Agente F1 é o *traceur* responsável pela introdução dos iniciantes nos primeiros movimentos.

⁵ *Trecese* responsável pela divulgação e organização das atividades do grupo.

mudanças: tem estimulado o interesse pela prática, aumentado o número de acesso à comunidade no Orkut e de simpatizantes, o grupo tem sido buscado para fazer apresentações públicas, para dar entrevistas, passando a ser reconhecido e a ter espaço na mídia local. Todos esses aspectos influenciam positivamente, provocando um maior conhecimento e uma expansão da prática na cidade, ensejando o rompimento dos estigmas de marginalidade presentes no imaginário popular, uma vez que a identidade do *traceur* ainda está assentada no estereótipo de desocupado, vândalo etc:

Uma mudança que eu achei bem legal (...) foi a mentalidade (...). Pra quem tava vendo de fora aquele grupo de iniciantes de *Parkour* aqui em Teresina, muitos achavam um aprendiz de ladrão (...), porque *Parkour* a gente consegue pular um muro com uma TV na mão... (*Traceur* 3).

6. Os treinos, os jovens e a cidade: a prática global mudando o local

A regularidade dos treinos e a permanência dos locais de encontro são outros aspectos viabilizadores da consolidação do *Parkour* na cidade, uma vez que facilitam a localização do grupo pelos novos interessados. Assim, mantém os treinos coletivos do Parque da Cidade e da Praça da Cepisa.

Além da presença no núcleo da Praça, durante os treinos, os jovens *traceurs* costumam separar-se em pequenos grupos em pontos diferentes do local, a depender do que desejam treinar, retornando ao grupo maior e voltando a refazer grupos diferentes. Pausam, sem acordo ou tempo previamente estabelecido, para pequenas conversas, reuniões e brincadeiras. Também para beber a água que conduzem, fazer ligações ou atender o celular.

Durante a pesquisa não havia alguém oferecendo instrução formal ao coletivo. O mais frequente era a partilha *in loco* das possibilidades, limites e habilidades de cada um com o grupão ou

os pequenos grupos, havendo um cuidado maior com aquele/as que estavam iniciando. Mais recentemente o grupo instituiu o treino para iniciantes, no sentido de estimular os novos e fortalecer a adesão à prática.

A partilha acontece permanentemente em relação à divisão com os demais do aprendizado logrado, no apoio oferecido quando se oferecem como amparo físico ao colega que busca realizar um movimento novo com risco maior de acidente, consolidando uma perspectiva solidária ao grupo. Frequentemente aplaudem aquele que consegue realizar algo interessante para o seu nível de treinamento, independente do movimento executado, se mais simples ou mais complexo. Para os jovens, essa é uma característica importante do *Parkour*, estimulada pela inexistência de competição e pela aceitação de cada um conforme sua possibilidade:

... no *Parkour* não existe competições por quê? Porque o *Parkour* não tem regras, o *Parkour* tem adaptação, não tem o melhor jeito de fazer, tem o jeito que cada um se sente melhor fazendo. E isso é o que leva a gente a ajudar os outros a... porque se você for fazer competição, você vai tá querendo uma filosofia do *Parkour*. (...) como vem do método natural, o *Parkour* não precisa mostrar quem é melhor [...] você não vai querer derrubar os outros [...], porque competição visa isso: você quer derrubar aquele pra ser melhor do que ele. O *Parkour* é livre disso. (*Traceur 2*)

A única competição que eu considero mesmo no *Parkour* é contra o próprio corpo, de você sempre tá querendo ser melhor do que você é. Você não tá procurando ser melhor do que seu amigo [...] eu não quero aprender porque ele aprendeu. Eu quero aprender porque eu fazia e eu não tô mais fazendo, eu tô com medo de fazer... (*Traceur 3*)

O *Parkour* não existe para mudar o físico de ninguém. Não adianta eu querer ter o corpo dele ali. Aqui um é magro, outro é gordo, outro é magérrimo etc e todos são felizes com o corpo que tem. Não adianta eu querer ser como o D... Aquele é o jeito dele e eu não vou ser eu mesmo. (*Traceur 5*).

[...]Como a maioria dos esportes hoje: “ah, eu vou jogar futebol, vou jogar vôlei, praticar karatê pra ser um grande competidor”; “ah, eu não vou praticar *Parkour* porque não vou ganhar dinheiro”. [...] Quer dizer que pra você cuidar do seu corpo você precisa ser pago? Então, é isso que eu vi de bom no *Parkour*: é a humildade, bom senso dos praticantes [...].(*Traceur* 8).

Orientados por parâmetros diversos da sociedade do consumo os *traceurs* buscam na prática coletiva exercitar o corpo, a mente e novas práticas, alinhados a milhares de jovens espalhados pelo mundo, os quais colocam na perfeição do movimento, no respeito ao corpo, ao outro e ao ambiente, as metas de cada encontro.

A Praça que emoldura esse projeto singelo foi projetada por Burle Marx⁶ e, outrora sinônimo de bom gosto arquitetônico e beleza, foi esquecida pelos teresinenses comuns e pelo poder público. Em avançado estado de deterioração, já não traz à memória sua proposta paisagística elaborada, como as lâminas e quedas-d’água, painéis de poesias e a inusitada combinação do ferro e madeira viva, em absoluta harmonia. A sujeita urbana, os dejetos humanos, as águas fétidas, a deposição natural de folhagens e a deterioração do projeto reconfiguram o ambiente, conferindo-lhe um ar de lugubridade e decadência.

O processo de deterioração se verificou, simultaneamente, com dois outros movimentos: o afastamento paulatino da população urbana comum e a aproximação de outros viventes da cidade, menos exigentes, pois sobreviventes de cotidianos prenhes de maiores desafios do que a convivência com um lugar descuidado, como em qualquer parte do mundo. Toda essa contingência fez com que a Praça da Costa e Silva, negando o brilho do nome herdado, abrisse espaço para outros seres e eventos. Na cidade passou a ser referenciada como palco de hábitos noturnos ilícitos, como venda e uso de cra-

⁶ Famoso arquiteto-paisagista paulista, que marcou sua obra pelo adoção de formas sinuosas e plantas nativas nos jardins que projetava.

ck, ponto de prostituição etc. Durante o dia, coreto e bosques abrigam moradores de rua, que passaram a compor o seu cenário deteriorado, naturalizado aos olhos dos poucos transeuntes. Nos fins de semana passou a abrigar os jovens que escolheram o *Parkour* como espaço de manifestação de sua vitalidade, amizade, sociabilidades e sonhos juvenis. Durante a exploração do campo foi perceptível a distância existente entre esses dois segmentos. Sem interação, ambos convivem no ambiente sem maior interferência ou invasão de espaços.

Desde o início dos treinos, a Praça ganhou novos ares e um novo denotativo: o de local de práticas juvenis. A presença dos *traceurs* alterou o cotidiano da Praça. Antes populares contornavam o local, evitando cruzar o seu interior. Depois, durante os treinos, os transeuntes trafegam normalmente e, inclusive, param para assistir aos movimentos, o que observamos durante visitas ao campo. O grupo percebe essa mudança: “É, a gente já melhorou muito essa Praça da Cepisa, porque agora ela não é mais a praça da prostituição, ela é a Praça do *Parkour*”. (Diário de Campo).

Os outros jovens, os moradores da Praça, embora se mantenham apartados, partilhando outras dinâmicas, por vezes também se permitem deixar o olhar alçar voo e fazer piruetas, acompanhando os corpos juvenis que insistem em vencer momentaneamente a gravidade. Quanto aos moradores do entorno da Praça, ao tempo em que reconhecem, com tristeza, que o lugar foi “abandonado” pelo poder público, sendo utilizado para a “delinquência”, destacam que a presença dos *traceurs* mudou o ambiente. Referem-se, impressionados, à coragem dos jovens de permanecerem no local considerado perigoso e admiram que, diferentemente dos jovens “sem jeito, sem futuro”, estejam ali praticando “esporte” (Diário de Campo).

Do ponto de vista dos *traceurs* algo que muito os incomoda é, sem dúvida, a sujeira da Praça. A prática do *Parkour*, por recorrer aos reflexos naturais do corpo, exige movimentos como dei-

tar e rolar no chão, rastejar, entre outros, o que implica entrar em contato direto com o solo, o que desagrada os jovens:

Só ressaltando aqui: tá certo que a gente tem que viver o método natural, né, e se acostumar com o ambiente, mas se acostumar com aquilo dali é chato. Se acostumar com o fedor, se acostumar com camisinhas espalhadas, com roubo, também não é nada legal. Mas como o *Parkour* visa isso né, a gente... Isso se torna mais um obstáculo pra gente [superar]. (*Traceur* 8).

O entrevistado se refere ao obstáculo no sentido compreendido pelo *Parkour*: algo a ser superado e não algo que paralisa. As condições inapropriadas se agravam pelo fato de todos os praticantes fazem traslados de ônibus e/ou a pé, muitas vezes, com roupas sujas em decorrência da precariedade do ambiente que, à época da pesquisa, não recebia qualquer atenção pública⁷.

Com relação aos demais espaços os jovens afirmam respeitar os ambientes onde os treinos são proibidos, no entanto a abordagem de policiais e seguranças ao grupo ainda é constante. Para eles as abordagens são desrespeitosas e preconceituosas. No Parque da Cidade foram barrados pela Polícia Ambiental. No entanto, a insistência em permanecer treinando no local levou os policiais e demais pessoas a conhecer a prática, ocasionando mudança na relação com os dirigentes do Parque e visitantes. Na atualidade a Diretoria já consulta o grupo acerca das melhorias que podem ser realizadas no local e a população já assiste aos treinos. Adotando a postura do diálogo, incentivando o conhecimento da prática, os jovens têm chamado a atenção para a questão do respeito às suas escolhas, visto não infringirem qualquer lei ou princípio de urbanidade com o tipo de presença que têm no espaço público.

⁷ Neste ano de 2012 a Praça da Cepisa foi reformada pela Prefeitura Municipal de Teresina.

7. Saltando para novas expressões, intercâmbios e identidades

Nos depoimentos os sujeitos deixam claro que o ambiente produzido pelo *Parkour* oferece o conforto para vários jovens explorarem outras sociabilidades, modos de vida, identificações e diferenciações. Vivendo numa sociedade parametrada pela competição em todos os campos da vida, os jovens que de algum modo não se sentem motivados a dela participar encontram entre os amigos *traceurs* um lugar legítimo de expressão de suas individualidades sem que esse processo, necessariamente, implique na visualização do outro enquanto adversário, mas como parceiro. Isso facilita uma relação de empatia com o outro, de maior possibilidade de confiança, não precisando aparentar alguém diferente do que é, nem temer o outro nas relações que estabelece. É nesse sentido que explicam a filosofia de suporte às práticas do cotidiano grupal:

...a filosofia [do *Parkour*] prega ser forte pra ser útil. Ser forte através dos tempos, que essa força dure através de você e através daqueles a quem você ajudar. Então, eu treino meu corpo pra ser útil no meio da sociedade e também no meio da minha família ou no ciclo de amizades. Eu sou útil ajudando meus amigos de alguma forma, em alguma ocasião de risco, salvando alguma pessoa ou me salvando em qualquer situação (...) então, essa prática também é muito de passar a experiência que você tem de treino para outros... (*Traceur 4*)

... a questão de ser forte pra poder ajudar não só na parte técnica e prática de como realizar o movimento, de como ser mais rápido, de como ser mais fluente, de como salvar alguém em um perigo imediato, mas também de atingir um ponto melhor e quando você estiver nesse ponto melhor, você também levar outras pessoas pra esse ponto, aqueles que estão precisando (...) (*Traceur 5*)

Encontramos posteriormente no perfil do *Facebook* de um dos *traceurs* entrevistados o seguinte registro: “Não acredito na vitória que traz a derrota do próximo. Treinamos juntos... evoluímos juntos... vencemos juntos...”. Solidariedade, disciplina, par-

tilha, cooperação. Reconhecidamente, são valores que guardam distância do nosso conhecido ocidente urbano e suas balizas maiores de convivência social assentadas no apelo imagético, na competição e demais valores das relações de mercado. Assim orientado, o coletivo juvenil de praticantes de *Parkour* segue apostando em possibilidades diferentes daquelas hegemônicas na atualidade do convívio social urbano nas grandes cidades. Os princípios que sustentam as escolhas grupais têm migrado do interior do grupo e interferido, inclusive, nas relações dos jovens com as suas famílias. É frequente a referência que os entrevistados fazem às mudanças vividas, avaliando terem absorvido parâmetros mais afirmativos de comportamento, evitando tensões familiares, dentre outras, nos seus ambientes de convívio. Esse reconhecimento também parte dos familiares:

...no começo ela [a mãe] achava que era só brincadeira. Ela... minha mãe, minha família todinha, depois começou a achar que era perda de tempo (...) mas ela já entendeu já que é uma coisa que eu gosto, que me fez ser uma pessoa melhor, que tem respeito pelas pessoas. Porque antes a gente, eu particularmente, eu vivia brigando com o pessoal de casa, mas depois do *Parkour*, depois que eu comecei a estudar a filosofia e tudo mais, a gente aprende que o *Parkour* não é só movimento. O *Parkour* é respeito, é responsabilidade, é concentração e várias outras coisas. (*Traceur* 1).

Como se pode ver, o grupo juvenil é experienciado como um espaço de aprendizado de vida que extrapola os exercícios físicos desenvolvidos. É retomado como um lugar de geração de sentidos, de origem e afirmação de potencialidades ‘desconhecidas’, propiciando uma nova postura do jovem em relação ao que pensa dos outros e de si mesmo: “...depois que eu entrei no *Parkour* eu vi que eu sou capaz de determinadas coisas, sabe? Que eu nunca tô inferior a tudo, que eu sempre posso conseguir.” (*Traceur* 7). Possivelmente, o encontro com este lugar de pertença, de descoberta e conforto com suas possibilidades se constitua no elemento de maior motivação para a participação no coletivo. Nele os jovens desencadeiam uma relação autoral com o mundo

a partir do que há de mais caro a cada um: a valorização/aceitação da sua pessoa, da sua maneira de ser, nas possibilidades e limites que carrega. Ali adquirem/oferecem a potência/contribuição para o estabelecimento de um coletivo ao qual se sentem pertencentes e que os representa legitimamente.

Considerações Finais

As pesquisas que deram suporte a este trabalho geraram interlocução com momentos ricos das realidades enfrentadas, inventadas, modificadas e partilhadas pelos jovens participantes dos coletivos juvenis da cidade de Teresina, em especial os praticantes de *Parkour*, interesse particular desta discussão, dispondo uma profusão de novos interesses não esgotados nesta empreitada. Entretanto, nos marcos desta construção alguns pontos se mostram de maior relevância a destacar.

Um dos primeiros achados é que a cidade não é pensada, produzida, administrada também a partir da existência e demandas das juventudes. O planejamento do espaço urbano, as decisões políticas em torno da cultura e do lazer acontecem deixando ao largo um contingente de mais de 30% daqueles com faixa etária entre 15 a 29 anos.

As limitações hoje interpostas aos jovens diminuem as possibilidades de crescimento, de amadurecimento e de construção de uma vida adulta autônoma, saudável e próspera, assentada em identidades afirmativas, parâmetros ético-humanos promissores. Ao contrário, as duras realidades urbanas se traduzem em desproteção, na maioria das vezes, objetivada em exposição e vulnerabilidade juvenil a um quadro complexo de violências. Isso evidencia um processo permanente de negação dos jovens como sujeitos de direitos em geral, mas especialmente mostra o descaso para com as particularidades que marcam o segmento juvenil, a despeito das agendas governamentais locais-globais realçarem a necessidade de inadiável atenção às juventudes.

Porém, é neste cenário que, paradoxalmente, os coletivos juvenis vêm ganhando força como alternativa concreta de geração de novas sociabilidades, de experiências e práticas juvenis que ancoram o surgimento de novas subjetividades e possibilidades outras aos jovens na sua relação com os pares e com a sociedade, ancorados em quaisquer dos paradigmas, conforme discutimos. Além disso, estimulam a convivência, no espaço público, de outros sujeitos pertencentes à comunidade, derrubando alguns muros erigidos pelo *apartheid* social, pela cultura do medo, pela indiferença produzida/cultivada nas cidades.

Como espaço de sociabilidades e de criação, estes encerram possibilidades várias e ricas à formulação da ação juvenil, às trocas sociais, à constituição de identidades. Em contextos trans-fronteiras, de referências fluidas parecem adquirir maior relevância por colocarem em interlocução direta e permanente segmentos instados a dialogar com o mundo sobre suas dúvidas, anseios e proposições: os jovens. Os grupos se afiguram, então, como lugar de criação e troca, de experimento/consolidação/abandono daquilo que os jovens vão identificando/diferenciando como parâmetros que desejam para seus projetos de vida ou não, tensionados pela exigência da escolha cotidiana.

Nesse movimento os jovens *traceurs*, ao ambientar nas suas localidades escolhas na cultura global, estabelecem conexões que alteram o ambiente onde vivem, os processos em curso e, por fim, eles próprios. Como sujeitos da história irrompem fronteiras de classe, de territórios, de culturas, contribuindo para sínteses que habitarão o dia-a-dia da cidade, conferindo-lhe maior complexidade. Com suas iniciativas interculturais também enfrentam o preconceito existente acerca dos jovens, em geral, e dos *traceurs*, em particular. A estética do *Parkour* - pela beleza, força, graça e coragem - atraem a atenção de pessoas que, esquecendo a assepsia do viver na cidade, param para assistir às performances juvenis. Aos 'voos' e 'quedas' os jovens encantam os transeuntes e os levam a uma percepção diferenciada do que

é estar na Praça, de quem são e o que fazem, efetivamente. Também ‘devolvem’ à comunidade a possibilidade de usufruir dos logradouros públicos e ali desencadear novas sociabilidades, concretizando, enfim, a razão para a qual os espaços foram erigidos. Assim, interferem positivamente no olhar que a sociedade elabora sobre o espaço público, as juventudes, o *Parkour*. Suavizam ‘os motivos’ da desconfiança com o diferente, estabelecem a permeabilidade para com o outro, para com os trânsitos culturais do nosso tempo.

Por fim, no espaço do *Parkour*, uma prática nascida na França e hoje presente em todo o mundo, os jovens teresinenses se articulam com outros segmentos juvenis de cidades e estados brasileiros e de diversos lugares do planeta. Vivendo o local, articulado ao global fomentam talento, aptidão, criação, práticas solidárias, libertárias nos seus espaços de vivência; exercitam a aceitação de si, a aceitação do outro. Contribuem com a melhoria do espaço partilhado e com a elaboração de consensos locais. Se neste século estamos inexoravelmente condenados aos trânsitos globais, embora sofrendo as feridas pela radicalização das diferenças, nada mais promissor do que as juventudes adotarem fazeres interculturais que, ao potencializar/afirmar suas identidades, possam suscitar o reconhecimento do que lhes soa como próprio e lhes oferece o conforto de pertença. Fazeres interculturais que possam, ao mesmo tempo, se constituir em esperança de superação da intolerância com os estranhos-daqui e de fora.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005. 110 p.
- _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001. 258 p.
- BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero Ltda, 1983. p. 112-126.

CANCLINI, Nestor. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009. 283 p. (Coleção Ensaaios Latino-americanos).

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997. 416 p.

CANEVACCI, Maximo. **Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Tradução Alba Olmi. 1ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade** - Vol. II. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 21-28; 71-84; 257-285.

COSTA, Marcondes Brito da. **O cara tem de ser; se não for, já era: construção de identidades juvenis em situação de tráfico de drogas**. 2011. 290f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Piauí. Teresina: 2011, 290 p.

DAYREL, Juarez. Juventude, grupos culturais e sociabilidade: comunicação, solidariedade e democracia. **JOVENes. Revista de Estudos sobre Juventud** Año 9, nº 22 México-DF: enero/junio 2005 (b). p. 314-331.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994. Vol. I, 277 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 213 p.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 233 p.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991. 177 p.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In. HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Org: SOVIK, Liv. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009a. p. 49-94.

_____. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In. HALL, Stuart. **Da Diáspora. identidades e mediações culturais**. Org: SOVIK, Liv. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009b. p. 25-48.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. 102 p.

_____. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro: n. 24, 1996. p. 68-76.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em diversas datas do ano 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Dados de população**. 2009. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em diversas datas do ano 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. **Censo Agropecuário**, 2006. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/default/shtm>. Acesso em: 07.maio.2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais. **Censo Demográfico 2000 e Pesquisa de Orçamentos Familiares** - POF 2002/2003.

KRAUSKOPF, Dina. Dimensiones críticas en la participación social de las juventudes. **Fondo de Población de Naciones Unidas**. San José, Costa Rica, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cyg/juventud/krauskopf.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2008.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia**. Artigos compilados por Marialice Foracchi. São Paulo: Ática, 1982. 216 p.

_____. O problema da juventude na sociedade moderna. In. BRITO, Sulamita (Org.). **Sociologia da Juventude, I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 69-74.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In. MARGULIS, Mario (ed). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Editorial Biblos, 2000. p. 13-30.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Maio/Jun/Jul/Ago, nº 5; Set/Out/Nov/Dez/1997, nº 6. Número Especial

NÚCLEO DE PESQUISA SOBRE CRIANÇAS, ADOLESCENTES E JOVENS-NUPEC. **A Condição Juvenil em Teresina**. Relatório de Pesquisa. Teresina: 2010, 240 p. *mimeo*.

ORGANIZAÇÃO NACIONAL DAS NAÇÕES UNIDAS-ONU. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD, **2011**.

PAIS, José M. **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993. 350 p.

_____. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), (1^ª, 2^ª). Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa, 1990. p. 139-165.

SILVA, Valéria. **Maracatu y procesos identitarios juveniles: la trama de la construcción de lo nuevo en el ambiente de la tradición y de la experiencia**. **Revista Chilena de Antropología Visual**. Junho/2011. p. 113-139. ISSN 0717-876X

_____. Coletivos Juvenis e Expressões Culturais no Brasil. In. Anais do X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais/Sociedades desiguais e pa-

radigmas em confronto. vol. 04. Braga, Portugal: 2009a. p. 575-85. Disponível em: <www.conglab.ics.uminho.pt/ficheiros/Volume04.pdf>

_____. Coletivos juvenis no Nordeste Brasileiro: breve configuração. In. REIS, Vânia (Org). Juventudes do Nordeste do Brasil, da América Latina e do Caribe. Teresina: NUPEC/EDUFPI; Brasília: FLACSO, 2009b. p. 417-447.

_____. Constituição identitária juvenil: o excesso como produto/resposta ao não-lugar; à efemeridade e à fluidez. **Política & Sociedade**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Florianópolis: UFSC/Cidade Futura, 2006a. Vol. 05. Nº 08. p. 123-157.

SILVA, Marlúcia Valéria da. **Identidade Juvenil na Modernidade Brasileira: sobre o construir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas**. 409 f. 2006. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política-UFSC. Florianópolis: 2006b. 409 p.

Outros sites acessados:

<http://www.45graus.com.br>

<http://www.epidemiologia.ufpel.org.br/proesf/teresina.pdf>

<http://noticias.terra.com.br/interna/0,,013845435-EI8177,00.html>

<http://www.cidadeverde.com/hut-lcool-e-transito-geram-92-de-acidentes-com-trauma-atendidos-92338>

http://www.kalunga.com.br/revista/revista_jun07_07.asp

Recebido em 01/10/2012

Aprovado em 15/11/2012

